

# ÁGUA: EMPRESAS PRECISAM DE AGÊNCIA DE FINANCIAMENTO PARA APOIO À INTERNACIONALIZAÇÃ O

A criação de uma “agência de financiamento bilateral para o desenvolvimento” seria uma boa ferramenta para colmatar algumas das dificuldades que sentem as empresas portuguesas do setor da água, que já desenvolvem grande parte da sua atividade no exterior. Quem o defende é o administrador da PPA (Parceria Portuguesa para a Água), Fernando Ferreira, que é também Diretor-Geral da EFACEC.

“As empresas portuguesas nos mercados internacionais lutam em concorrência com outras empresas de outras economias mais pujantes e com instrumentos próprios de apoio, que favorecem a sua competitividade. Temos de conseguir mais ferramentas que nos ajudem, por exemplo, a minorar os custos financeiros da nossa presença nos mercados”, explica em declarações ao Água & Ambiente na Hora.

A criação desta agência é uma das sugestões que deixa depois de conhecer as conclusões de um inquérito realizado pela PPA, e [apresentado esta semana](#), em que se apuraram as maiores dificuldades que enfrentam as empresas portuguesas nos processos de internacionalização.

De acordo com o inquérito, a obtenção de garantias bancárias, bem como o *cash flow* dos projetos, por exemplo, “afasta muitas vezes as empresas portuguesas dos mercados, já para não falar das exigências curriculares muito ligadas à experiência numa realidade de pequeno país”, analisa Fernando Ferreira.

“Se a capacidade técnica das nossas empresas é reconhecida internacionalmente, como se constata pelas



O estudo revela que o mercado das multilaterais, organismos de apoio ao desenvolvimento, está subjacente a cerca de 30 por cento da atividade internacional das empresas. O Banco Mundial e o Banco Africano de Desenvolvimento são as instituições mais envolvidas nos projetos.

Apenas um terço das empresas tem uma interação “frequente e importante” com a AICEP. Globalmente, a rede de diplomacia económica afigura-se “explorada ainda aquém do seu potencial”.

## EM ÁFRICA MAS DE OLHOS POSTOS NAS AMÉRICAS

Segundo o inquérito da PPA, as empresas portuguesas do setor da água que desenvolvem atividade além-fronteiras estão a trabalhar sobretudo em países africanos, como Angola, Moçambique e Argélia. Estes são também os três mercados onde as empresas encontram maiores dificuldades na execução dos contratos. Os constrangimentos são sobretudo financeiros e prendem-se com atrasos nos pagamentos, barreiras à transferência de divisas e instabilidade cambial.

Apesar de terem arrepiado caminho na internacionalização sobretudo em terras africanas, estas empresas olham com interesse para os mercados do Golfo Pérsico e Américas e até mesmo para o Norte da Europa, regiões onde pretendem vir a fazer negócio.

Além de Angola, que continua a ser uma geografia apetecível, onde já desenvolvem trabalho muitas empresas, as empresas mostram-se particularmente interessadas nas oportunidades que surgem nos Emirados Árabes Unidos, no Golfo Pérsico. Manifestam ainda a

diversas missões técnicas que aqui recebemos, e que ficam admiradas pela qualidade dos investimentos que fizemos nos últimos vinte anos no setor das infraestruturas da água, o tal 'milagre português', faltam-nos depois melhores ferramentas que nos permitam operacionalizar e competir com sucesso", lamenta.

Fernando Ferreira ressalva no entanto que alguns passos já vão sendo dados, nomeadamente através de entidades como o Instituto Camões para a Cooperação Portuguesa ou a IFD (Instituição Financeira de Desenvolvimento) como Banco de Fomento.

"A Coseq [companhia de seguros de créditos], como respaldo, através do Estado, de seguros para minorar o risco comercial das nossas operações internacionais, é cada vez mais um parceiro fundamental nos mercados. Há também bastante expectativa no recente o programa "Internacionalizar" aprovado no final do ano passado. Mas ainda estamos muito aquém das "vantagens" de muitos dos nossos concorrentes internacionais", alerta.

Mesmo que os projetos internacionais sejam bem preparados as empresas portuguesas podem enfrentar lá fora imponderáveis difíceis de prever. Daí uma outra sugestão de se encontrar um espaço onde através de "uma representação portuguesa nos mercados, se possa encaminhar as empresas e ajudá-las na resolução de conflitos, direito do trabalho ou fiscalidade que são áreas onde podem existir problemas de muito difícil resolução".

intenção de explorar o potencial da Américas. Brasil, Peru, México e Colômbia estão na mira destes empresários. No Norte da Europa, o Reino Unido também chama a atenção, tal como outros países africanos, caso de Marrocos, Costa do Marfim e Cabo Verde, ainda que em menor grau.

O diretor executivo da PPA, João Simão Pires, confessa que o surpreendeu o fraco peso do Brasil nos negócios das empresas dada a dimensão do país, embora se conheça os níveis de proteccionismo naquele país, admite.

Segundo o inquérito cerca de 40 por cento das empresas têm uma atividade internacional dominante a representar mais de 60 por cento do volume de negócios global, destaca ainda ao Água&Ambiente, João Simão Pires.

O responsável sublinha que "o inquérito é bastante representativo do setor" já que contou com o envolvimento de muitas associações e 50 empresas. A maioria centra a sua atividade internacional no domínio da prestação de serviços, nomeadamente consultoria, projetos de engenharia e fiscalização. O inquérito foi realizado entre agosto e setembro de 2017.

Acompanhe outras notícias de atualidade e artigos de opinião no [Ambiente Online](#).